

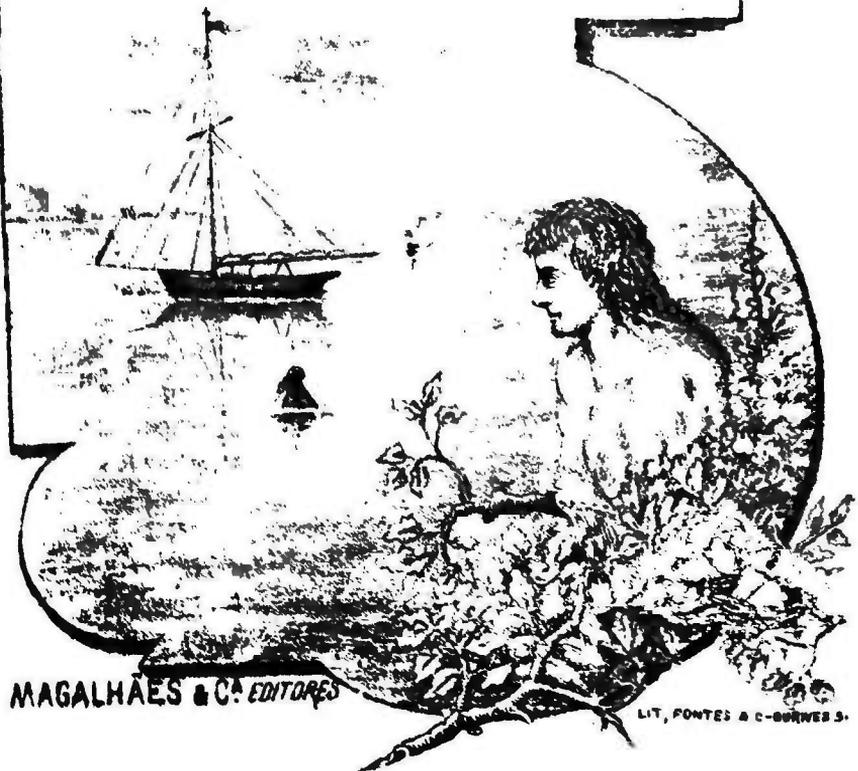
le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

VIRGILIO VAREZA

RE-CRÔLE



MAGALHÃES & C. EDITORES

LIT. PONTES & C. - BORNES S.

ROSE-CASTLE

VIRGILIO VARZEA

ROSE-CASTLE



RIO DE JANEIRO
Magalhães & C.ª-Editores
LIVRARIA MODERNA
3 e 5 Rua da Quitanda 3 e 5
—
1893

ROSE-CASTLE

I

N'aquella noite de Anno Bom, no bairro da Praia de Fóra, a casa de William Fison era a mais alegre, a mais illuminada, a mais ruidosa. Ao cabo de seis annos de melancolica viuvez, o velho commerciante britannico tinha afinal casado, e a essa hora jubilosamente festejava as suas segundas nupcias.

O vasto edificio, branco, todo torreado, com um aspecto guerreiro e historico de antigo castello feudal, construeção saxonia, de uma imaginação medieval, que fôra o seu primeiro proprietario, um allemão, outr'ora militar, que d'alli se ausentara com uma enorme fortuna e cinco *babies* louras adoraveis, para a épica Germania idolatrada, a reluzir sempre, com um prestigio ideal no seu patriotico e saudoso espirito de cidadão e de soldado—regorgitava de

convidados, desde o immenso e rico salão tape-
tado até á ampla varanda quadrada, abrindo
seis gothicas e vastas janellas sobre o mar. Ao
portão, muito largo, de antigo solar, com ambas
as folhas de ferro em ornatos, abertas para trás,
agrupavam-se em linha algumas carruagens, com
os cocheiros dormitando ás boléas, enquanto
pessoas euriotas da vizinhança, homens e mu-
lheres, agglomeravam-se, de olhos accesos, jor-
rando em massa para a escada, cujos degraus de
cimento branquejavam á luz, como marmore.
Via-se d'ahi, talhado na vasta, artistica porta
ogival, um recanto féerieo do salão, todo con-
stellado de physionomias limpidas e ineffaveis, e
toilettes opulentas, que se estadeavam aristo-
craticamente, como n'uma cõrte, em grandes
festas imperiaes, ao reverbéro vivo dos espelhos
de Veneza e ás chammas amarellas dos lustres
de prata. Uma estreita varanda, estylo tentõ-
nico colonial, corria a meio do predio, n'uma
faixa lateral, dando para o grande jardim gra-
deado, com flôres e massiços de folhagens aro-
mando o ar, malhado aqui e alli de claridades
lacteas, despejando-se das janellas e portas,
como placas de luar. Estava cheia de homens,

que cercejavam, de pé, ou estirados sobre cadeiras confortáveis, n'uma palração animada, entre as folhas finas dos erotons de vasos e balões luminosos de papel, pendendo ao beiral, n'uma longa enfiada colorida, de um effeito chinez de luas pintadas.

Dentro, nos maiores apartamentos do *Castle*, dansava-se. E, n'esse instante, uma banda musical, postada no largo corredor central, executava vivamente, com uma forte predominancia de metaes, uma linda valsa allemã, cujo rhythm, claro e vivido, desenrolava-se languidamente, em ondulantes espiraes. Pares voltejavam, em turbilhão, n'um chiar continuo e arrastado. Uma animação geral, no meio das palestras e dos risos, arrebatava as almas.

Os convivas deliciavam-se presos aos encantos da festa e ás gentilezas e amabilidades dos noivos, especialmente de mistress Fison, que prodigalisava a todos, com uma effervescente graça de brasileira cultural, os seus sorrisos cariciosos e amáveis. Muito joven ainda, nos seus vinte annos primaveris, nms olhos incomparáveis, de uma humidez sensual, negros como uma ardosia molhada, a adoravel creatura, premissa

fascinadoramente n'um magnifico vestido de gorgorão branco, o véo symbolico coroando-a de virginal neblina, o porte de uma nobreza e elegancia reaes, attrahia todos os olhares, val-sando encantadoramente entre os braços ro-bustos de William.

E lá iam ambos, arrebatados venturosa-mente aos compassos da valsa, perdendo-se n'um circulo de corpos girantes, onde a cabeça lou-ra d'elle se destacava entre o negrume das outras, bella e côr de ouro, n'uma rutilação astral.

As dansas não pararam um instante, até á madrugada, vibrando enthuasiasticamente, du-rante marcas successivas...

Mas, terminada a lanta ceia das bodas, rui-dosos ainda d'aquella immensa alegria e dos vinhos, os convivas entraram a despedir-se.

E, dentro em pouco, *Rose-Castle* adorme-ceu, no silencio estrellado da noite, que re-splandecia.

II

William Fison era um bello homem, alto, rosado e forte, apczar dos seus sessenta annos. Nascera na Escossia, em Glasgow. Seu paç, um pequeno industrial, fallecera tinha elle seis annos, e a mãe, como a casa ficasse atrazada com a longa molestia do marido, entregara tudo aos credores, e fôra habitar com uma irmã no rico condado de Hampshire. Elle sahira para o Indostão em companhia de um tio, coronel do exercito, comuandante de um regimento em Calcuttá. Alli se educara, seguindo a carreira do mar. Commandara *steamers* durante trinta annos, findos os quaes, com algumas economias, se fôra estabelecer n'aquella cidade, que era um dos pontos de escala da linha de vapores em que ultimamente navegava. A casa era importadora e logo nos primeiros annos déra-lhe resultados.

consideráveis. Mudara, então, para ali a família, que residia n'essa época em Maidstone, onde elle apparecia, de tempos a tempos, a visital-a. A mulher, porém, succumbira de um parto, ao cabo de oito annos. Elle, então, todo de lucto, fôra levar as filhas á Inglaterra, para a casa de uma irmã, onde tinha um filho a educar. Mas volvera de novo ao negocio, que continuamente prosperava.

E, spleenetic, n'uma desolação, na viuvez esmagante, que o levava logo a separar-se das filhas que adorava, preso alli aos seus interesses de commerciante, n'aquella pequena cidade, onde os divertimentos escasseavam, tornando irresistivel e necessaria a vida feliz e aconchegante do lar — entrou a frequentar assiduamente a chacara do Fernando Braga, um velho amigo negociante que conhecera, primeiro em Londres, depois no Rio de Janeiro, com uma grande casa commercial. Ali passava elle as noites, até tarde, muito entretido a conversar e a jogar.

A habitação do Braga, um vasto e magnifico chalet, na rua Formosa, estava sempre illuminada e ruidosa, como em perennes recepções, porque as moças da vizinhança, com as meninas

da casa, todas as noites, reuniam-se alli a chalar. De sorte que “aquillo era um verdadeiro paraizo”, como dizia o Fison, com o seu aspero accento britannico.

E, dia a dia, experimentando uma nova emoção e um novo encanto, no meio d'aquella convivencia *selected*, começou a sentir um certo enternecimento e *tocade* por uma das filhas do Fernando, a Helena, uma menina que não tinha ainda quinze annos, mas cuja belleza e desenvolvimento sadio e florente, enchendo-a toda das rutilações de um desabrochamento carnal fascinante, lembravam-lhe vivamente as esplendidas rosas de cem petalas, que tanto admirara, havia annos, uma manhã, em Roma, nos jardins do Palacio Real.

A menina, por sua vez, estimava muito a William, que a enchia de carinhos e presentes, retendo-a horas ao piano, para ouvir Mozart e Haydn, e alguns trechos de Rossini, seus auctores predilectos, que lhe amenisavam tanto os *spleens*. Prendia-a tambem, outras vezes, com as suas pittorescas e variadas narrações de viagens, feitas sóbriamente e com *humour*, principalmente as que se ligavam ao Mediterraneo, por onde

andara em rapaz, como *boy* de navios, e as que se referiam ás remotas cidades historicas do Oriente, que conhecia até ás baixas regiões do Euphrates, pois estivera em Aleppo, Smyrna, Bagdad...

Lia-lhe, em muitas occasiões, capitulos do seu livro *Palestine*, logar onde residira um anno, estando desembarcado. Ella ouvia-o attentamente, satisfeita e cheia de curiosidade, no seu mysticismo infantil e devoto pela Terra Santa. E como sabia bem o inglez, que aprendera com o pae, desde pequenina, elle emprestava-lhe tambem volumes illustrados da sua bella obra *The Sea*, que merecera em Inglaterra uma grande estima, ao ser publicada, primeiro, n'uma importante revista—a *Nautical Magazine*.

Porque William Fison era, além de negociante e mareante distincto, um homem intelligente e erudito, possuindo numerosos trabalhos sobre viagens e um pequeno romance, feito aos vinte annos, n'uma primeira paixão amorosa—*Terrible Temptation*, que produzira um grande escandalo em Calcuttá. O livro, trabalhado á maneira moderna de Balzac, o escriptor *favorite*

de William, envolvia uma historia verdadeira em que era protogonista a filha do Vice-Rei das Indias, uma creatura ethereal de lenda, loura e brunca, nostálgica e scismadora, visãõ das estrophes nevoentas de Ossian, errando, á noite, ao luar, atormentada de amor, na vaporacãõ dos lagos brumosos...

Estas diversões tornaram-se queridissimas de Helena, e, quando o inglez não apparecia, a ausencia d'elle lhe despertava um vago aborrecimento e saudade : fechava-se, então, no quarto, a lêr, evitando as correrias alegres com as irmãs e as amigas ; ou, sentada ao piano, longo tempo, tocava melancolicamente, umas após outras, as peças da predilecção de William. Mas, tudo isso não ia além de uma impressãõ infantil.

As outras, ao vê-la assim com a “veneta” como diziam, troçavam-n’a muito, rindo :

— Olha a tola ! apaixonada pelo velho inglez ! E como estava cahidinha... Que horror !.. Nunca se vira uma cousa assim...

Quando William chegava, no outro dia, era a primeira a correr ao seu encontro, n’um alvoroço e a rir, e, trocando um affectuoso *shake-hand*, perguntava :

— Porque não vieste hontem? Porque não vieste? Todos nós te esperámos...

— Oh! miss Helena—fazia elle desculpando-se—não foi possível, não foi possível...

E tinha uma grande jovialidade, a larga physionomia corada menos envelhecida, o olhar muito vivo e transparente, cheio de um fulgor juvenil, o pescoço forte, o porte mais rijo.

Conversando, gorgendo expansiva, a menina ia-o levando para a varanda, onde o Braga e a mulher o esperavam cordialmente, sentindo o ruído da sua presença amiga.

E assim decorreram annos.

Um bello dia, n'uma alegre manhã de Natal, em Joinville, onde tinham ido passar as festas, n'essa florida e encantadora cidade allemã, o Braga e a esposa foram surprehendidos por uma carta de William, dando-lhes “as boas festas” e pedindo-lhes a mão da filha, a “beautiful miss Helena”.

Ficaram, a principio “abysmados”, sem explicação para aquillo, porquanto o inglez jamais lhes déra a entender semelhante cousa.

—Era um disparate, um absurdo, uma loucura! pensavam. N'aquella idade, e com

filhas já moças, um pedido desses !... “Enlouquecera”. de certo, aquelle bom amigo...

Mas, reflectindo depois, longamente, maduramente, pesando os interesses, o futuro da familia, o casal entrou a considerar aquella união magnifica. William Fison era distinctissimo, e fôra o modelo dos maridos. Conheceram-n’o sempre bom, extremoso, dedicado, vivendo só para a mulher e os filhos... Depois, e sobretudo, era um homem intelligente, illustrado, riquissimo. Não havia vacillar, casavam a rapariga...

E, á noite, reunidos n’um dos apartamentos que occupavam no hotel, revelaram tudo á Helena, lendo-lhe a carta de William. A moça ficou de repente nervosa, tremula, as mãos frias, e abraçou-se á mãe, a chorar :

— Que não queria ! Com William, não ! Estimava-o muito, era verdade, mas não para marido... Elle era um velho, ella uma menina... Lá era possivel ! Não ! Seria uma desgraça... Não queria...

A mãe e o pae retorquiam-lhe affectuosamente, amimando-a :

— Mas é para a tua felicidade, filha ! E^h para a tua felicidade...

— Não ! não ! volvia ella, muito de manso, n'uma recusa insistente, a voz velada.

Estava linda, o rosto dolorido, os cabellos negros e espessos desatados, cahindo-lhe pelo dorso esplendido, como longas erinas ondeadas.

Passado dias, porém, ao deixar Joinville, a moça, já conformada, accedera aos desejos dos paes, e o “sim” fôra enviado, na vespera, pelo telegrapho, a William.

III

A casa do Fison, situada quasi no extremo da larga rua de S. Sebastião, correndo ao longo do littoral, e findando n'um sitio pittoresco e agreste, a Chacara Garcia, um alto arborisado e encantador de collina, era conhecida em todo logar por este nome perfumoso e florido—*Rose-Castle*. A poetica designação nascera da immensa alegria em que andara o coração de William, ao estabelecer alli, pela primeira vez, a familia, porquanto terra alguma do mundo jámais encantara o seu espirito de viajante e de artista, como aquella formosa ilha, que lhe lembrava saudosamente, sob um clima mais doce, um céo mais placido e limpido, pedaços verdes da sua *Old England* querida. Era de certo a Escossia, de que tinha as mais doces recordações infantis.

Desde o seu estabelecimento em S. Sebastião que o somnolento bairro da Praia de Fóra adquirira um aspecto mais civilizado e ruidoso, porque o *Castle* continuamente festinava, enxameado de moças.

E toda a vizinhança, contentíssima com a presença dos “novos estrangeiros”, que eram tão estimáveis, vendo a transformação que soffrera a casa, outr’ora melancolica e sombria, sempre inacessivel e fechada ás visitas e ás festas, abandonada de todos os ruidos, lamentava que o seu primeiro proprietario, o tal “allemão rico”, não se tivesse ha mais tempo ausentado.

Assim *Rose-Castle* despertara em todos uma grande sympathia.

Quando a primeira esposa de William morreu, e as filhas embarcaram para a Inglaterra, o predio recahiu no seu recolhimento monastico ; mas o seu nome e as numerosas *soirées* tão festivas jámais foram esquecidos. E, agora, com o segundo casamento do inglez, voltava de novo á animação antiga.

As primeiras semanas do noivado corriam para William venturosamente, n’uma grande serenidade e doçura. O amantissimo bretão

deliciava-se em suas novas nupcias, como se voltara de repente aos bons tempos de moço.

Todas as tardes, no seu *cab*, arrancado por um bello cavallo d'Alter, recolhia ao seu *Castle*, jubiloso e risonho, n'uma alegria expansiva e ruidosa de namorado. Helena, com os seus lindos olhos de onix, radiando amorosamente nas orbitas, entre os longos cilios de velludo, alta e tentadora, no seu vestido claro, vinha sempre esperal-o ao portão. E alli mesmo abraçavam-se, beijavam-se. Depois, enlaçados, a palrar, subiam lentamente a escada.

William ia então fazer a sua *toilette* de casa : de verão, uma camisa de seda alva e um costume de flanela branca, muito largo ; de inverno, um terno de cheviot azul-marinho, com jaquetão fechado.

E, enquanto se servia o jantar, sahiam ambos de mãos dadas, percorrendo lentamente, em intima palestra adoravel, as áleas luminosas do jardim. Desciam até ao mar.

Era em pleno verão. Sempre, a essa hora, o céo, no horisonte, além, estava cheio de grandes claridades inflaumadas ; as montanhas da Serra do Mar, desenhavam-se ao longe, n'uma linha

azulada e nostálgica, fazendo um relevo nítido sobre o tecido esmaiado da atmosphera ; a planura azul do mar, ampla, polida e calma, na ausencia do Nordéste, que abrandava docemente pela tarde, depois de soprar rijo toda a manhã, tinha uma larga fulguração de broquél antigo ; canôas, de encontro á costa, já em sombra, dos lados da terra-firme, pareciam immobilizadas, com as velas brancas quadradas a bater contra o mastro, no seio da calmaria ; o *Victory*, o bellissimo *cutter* de recreio de William, que fundeava junto ás janellas do *Castle*, a alguns metros da praia, mantinha o casco esguio e claro aprofado á corrente, o mastro alto e fino, com a carangueja erguida e a grande retranca repousada, fincando o tópe agudo no Azul, onde tremulava, invariavelmente, murcho e pendido, na saudade dos ventos, um galhardete encarnado ; ao Norte e ao Sul, dous pequenos promontorios de rochas altas, sobrepostas como dolmens, marcavam as pontas da formosa enseada, talhada em perfeito erescente ; no canal, de um e de outro lado, o bordado pittoresco da costa alvejante ; e, distante, além, n'uma ilha empinada, o grande pharol do Arvoredo, com a sua alta cupola de

vidro, chammajando ao poente, como um zimbório de cathedral...

Quasi sempre, após o jantar, no esplendido salão illuminado, fazia-se musica. Helena ia para o piano, e, muito languida, na frouxidão morna do seu temperamento sensual, um pouco melancolica, com uma vaga nostalgia, uma saudade inexplicavel de *alguem* ou de *alguma cousa*, que não podia bem determinar, começava a correr as mãos sobre o teclado, e o *Minuete de Mozart*, que ella amava, erguia-se, sonoro e profundo, n'um rhythmico lento e balançado.

Estirado sobre um longo divan damasquinado, que ficava ao pé, docemente emballado n'aquella estranha melodia, de uma fina tristeza e sentimentalidade, William olhava-a, idealisado, n'uma ternura e n'um embevecimento. E seus olhos azues-claros, muito transparentes, emprestando-lhe á face uma frescura macia e moça, não se desprendiam, um instante só, da linha esplendida e einzelada do seu busto magnifico, evocando o perfil sonhador de uma castellã feudal.

Mas, sem olhar quasi, como esquecida e indifferente, a esposa proseguia, tocando sempre

— o limpido olliar docemente fulgindo, como um setim negro molhado, ora pairando sobre as extensas pautas da musica, ora sobre o estuque do tecto alvejado. Parecia immersa em recordações e devaneios ideaes, que os sons borbullhando docemente, evocavam, com uma planigencia gemedora de musica de Schubert nas cordas tremulas de uma harpa. A formosissima cabeça, acompanhando as notas tristes, com um movimento lento, que lhe balançava o delicado dorso, tinha um ar dulcissimo e scismador, batida vivamente pelas chammias das lampadas belgas, envolvendo-a n'um clarão suave.

Quando o piano cessava, n'uma modulação expirante e grave, o inglez erguia-se no divan, as pupillas de saphira clara muito humidas de emoção :

— *Beautiful ! Beautiful !*

Então, ella voltava-se, como surprehendida, na banquinha rodante, sorrindo cheia de esplendor.

Quasi sempre, quando não appareciam visitas, recolhiam-se cedo, ás 10 horas. A's quintas-feiras e domingos, porém, nas costumadas

recepções da provincia, a casa inteira resplandecia, alegre e festival, até á meia-noite.

E William, agora, sentia a existencia correr-lhe radiante e feliz, como no seu primeiro noivado.

IV

A felicidade do Fison tornou-se, porém, excepcional, como elle proprio dizia, quando a irmã lhe noticiou, de Londres, que o filho, o seu adorado *Child*, concluíra brillantemente o curso de engenharia. E, d'ahi a dias, foi um immenso alvoroço em *Rose-Castle*, ao receber-se um telegramma do rapaz, communicando que partia para o Brazil.

Desde esse instante, Helena não parava, n'uma actividade infinita, dando ordens e mandando apromptar os quartos para a recepção do entendo.

No dia da chegada, á tarde, ella e o marido, mal entrara o paquete, foram recebê-lo a bordo, n'uma grande alegria.

A noite o jantar foi magnifico, na larga varanda gothica, com a presença das interessantes.

cinchadas de William, das Moelmanns, umas adoráveis meninas allemães da vizinhança e das louras filhas de James Crowley, duas miss *gracious*, que andavam muito a cavallo, o que as tornara conhecidas na cidade pelas *Amazonas*. Depois houve uma *soirée* animadissima, que durou até á madrugada.

O velho William sentia-se agora mais feliz que nunca, com a presença do seu querido *Child*, o bello continuador do seu nome e da sua raça. Havia seis annos que o não via, desde a sua última estada em Inglaterra, quando fôra levar as filhas. George era ainda mocinho, imberbe e juvenil nos seus dezeseis annos robustos, com uma cara rosada e fresca de rapariga. Nenhuma mudança fizera, além do grande crescimento e da esplendida enformatura thoraxica, do tempo em que, muito tenro, aos doze annos, o enviara para Londres. Agora estava um homem, completamente enrijado e viril, possante e hereuleo, como um *hussard*, excedendo-lhe a altura da cabeça! E como viera lindo, com o seu largo rosto rosado, o busto direito, o pescoço forte e cheio, de uma linha torneada... Revia-se n'elle, com desvanecimento, com jubilo, enternecido e

muito repousado, vendo a realização dos “seus esforços” perfeita, tão bem acabada—assim um esculptor de genio, ao terminar uma obra prima, uma estatua, a contempla sereno, com orgulho, com gloria, por haver dado a perfeição inedita ao marmore.

Helena estava tambem fascinada pelo enteado, e achava-o incomparavel, estranho, cheio da belleza olympica de um Deus. Levava a olhar-o, embeveecida, longas horas, n’uma fixidez penetrante, tão intensa e apaixonada, que, muitas vezes, embaraçava o rapaz. Ao almoço, ao jantar e ao chá, ao lado d’elle, servia-o sollicitamente, carinhosamente, com instancias delicadas, cuidadosos requintes, para que aceitasse, “mais isto, mais aquillo”, n’uma voz que o prendia, como a um magnetizado. E as suas phrases cantavam crystalinamente, á maneira de uma musica de amor, febril, irresistivel, ideal, onde as notas rutilavam, vagas e tremulas, como a luz das estrellas nos altos ceus azulados. Andava muito expansiva, alegre, venturosa, e sentia que no seu coração “alguma cousa” borbulhava, sacudindo-a e impellindo-a docemente para George. Não sabia explicar, mas ao pé

d'elle, tomava-a uma dogura, um alvoroço feliz de andorinha amada. Às vezes chegava a ser *crane*, na sua dedicação pelo rapaz, e empallescida com receio de que o esposo fallasse...

Mas, as primeiras semanas, depois da chegada, foram consagradas por George á retribuição de cumprimentos e visitas pelas casas, a passeios na cidade e logarejos em volta. Com o interesse e a natural curiosidade de percorrer de novo os sitios por onde andara em criança, quasi não parava no *Castle*, sahindo pela manhã e só voltando á tarde. A sua innata paixão de *touriste*, característica e fundamental, na sua nobre raça, aventureira e artistica, trazia-o preso ás impressões novas, aos logares, ás cousas magnificas e originaes, que haviam escapado ao seu espirito infantil e descuidado, e que o deliciavam agora : paizagens admiraveis, com certos cantos luminosos e serenos de verduras e aguas, adormecidos e afastados, em plena Natureza, onde a vida corre sempre branca e cheia de paz, n'um murmurio suave, como o curso claro de um rio ; panoramas largos e verdes de encostas e valles; campos desenrolando-se a perder de vista, como lençoes de esmeralda, cobertos de gado

espectaculos erguidos de montanhas empinadas, dando aos olhos um plano de visão extensissimo até aos longes em neblina; marinhas monumentaes, d'entre costa e mar alto, de uma amplitão infinita...

Foram semanas de um *steeple-chase* inaudito, findas as quaes cahiu a preguiçar um pouco, gosando o *home*, n'um descanso suave.

V

Child George quasi não sahia, além de uma ou outra vez, pela manhã, depois do almoço, que descia com o pai até ao escriptorio. E como adorava o mar, o *sport* marítimo, que tanto o divertia em Londres, nas férias do curso, passava os dias a bordejar no *cutter*, com o Nordeste, pela bahia.

Outubro ia alegre e limpo, com bellos dias de céu azul e sol vivo, e elle, com as suas collantes, estreitas roupas marinhas, de cores claras e escuras, com o velho Moorn ou sósinho, largava no *Victory*, á bolina.

O Moorn era um perito contra-mestre irlandez que conhecia o pai de menino, desde o primeiro navio em que este embarcara, em Bombaim, e quando ia a bordo a viagem tornava-se bastante divertida : era feita costa á costa, ou

pelas pittorescas e numerosas ilhas, que manchavam a bahia, sem perigo de escólhos ou baixios, porque o antigo marinheiro conhecia todos os recantos do mar, como o “ proprio nariz”, segundo dizia.

Ao ver sahir George para essas alegres partidas de *cutter*, Helena ás vezes tinha impetos de o seguir. Queria acompanhal-o, velejar com elle, admirando-lhe a pericia das manobras, na tolda limpa, inclinada pela vela, as fitas do seu chapéo largo de mar esvoaçando sonoramente á brisa; e olhar da borda, enlaçada ao rapaz, as praias, as povoações, as montanhas e as planícies, correndo a um bordo, no littoral longinquo... Como seria feliz, como se regozijaria! Mas podiam falar na cidade mexeriqueira e pequenina onde tudo se sabia... Ainda se fosse uma estranha, uma estrangeira, sem nenhum parente alli, como o marido e George... Mas não! se embarcasse só com o enteado—a visinhança, as amigas, os conhecidos, os erizados, a propria familia, cahiriam na intriga...

E ficava nervosa, aborrecida, febril, muito contrariada nos seus desejos e no seu amor, vendo a bella embarcação erguer o panno

deixando á popa uma esteira sinuosa de espumas...

Das janellas da varanda, que não deixava um minuto, enquanto o enteado andava além singrando, acompanhava, incançavelmente, com os olhos, onde havia uma anciosa luz de paixão, todas as bordadas do *cutter*. A sua alma palpitava docemente, sobre as ondas, dentro do pequeno casco e na alta vela alvadia, rastejando em vôos rapidos, continuos, de um para outro lado, como uma grande gaivota. Entretinha-se longamente com aquella navegação de aza branca sob a sua vista. Mas se o pauno errante e vogador se sumia por detrás de uma ilha, ou na volta de alguma península, experimentava uma vaga nostalgia, que se tornava em alegria vivissima, quando elle reapparecia...

George voltava quasi sempre á tarde, mais vigoroso e sadio, muito satisfeito, com um riso esplendido de dentes alvos, o rosto radiante, onde o sol forte do mar abriera papoulas. Helena ia logo ao seu encontro, dirigindo-lhe perguntas sobre a viagem, o que vira, os portos onde tocara... E o seu contentamento, ardente e

meridional, explosia vivamente, enchendo a casa de sonoros ruidos.

Outras vezes, o rapaz passava os dias a ler, na sua sala, ou no caramanchão do jardim, todo coberto de trepadeiras verdes e cheio de frescura, que dava para o mar.

Ella ia, então, para alli bordar. Encontrava-o estirado sobre uma *chaise-longue*, com a *Revista de Edimburgo* ou *The Graphic* sobre os joelhos, muito fresco no seu fato de baeta crême, rindo-se e olhando para ella, com os seus olhos garços e ingenuos de escocez. Sentava-se em frente d'elle, para bem receber o clarão do seu olhar limpido, os seus sorrisos deliciosos. Quando baixava um pouco a cabeça sobre as largas paginas negras de gravuras, punha-se a admirar, embevecida, os seus cabellos claros e de seda, cobrindo-lhe a fronte de caracões dourados. E, com o espirito carregado de phantasia e idéal, imaginava-se uma Clycia moderna amando um frio Apollo boreal. Aquella presença olympica do rei da belleza, tão junto ás suas saias, despertava-lhe profundamente todos os desejos, e, cahida de repente na realidade, mordida-a uma intensa vontade de beijal-o,

freneticamente, n'uma insaciabilidade. Então, para conter a sofreguidão, congestionada, apertava os dedos, nervosamente, quasi dilacerando o bordado.

Desde a occasião em que William lhe mostrara uma photographia de George, ainda em solteira, que tivera uma forte impressão pelo rapaz. O seu olhar claro, de uma luz doce e nostálgica, a physionomia bonita e de um contorno oval, a bocca curta, muito bem desenhada, os cabellos crespos e bastos — tudo lhe déra, no retrato, a idéa de uma creatura adoravel. Tinha então um rosto adolescente, mas que encantava. E nunca mais a sua imagem fascinante a deixara. Fôra mesmo essa imagem querida que estabelecera entre ella e William aquelle laço de amizade, origem unica, talvez, da união de ambos, porquanto foi pelo filho que chegara a amar o pae.

Por isso, quando o marido avisou-a de que o filho ia chegar, soffrera como um “abalo” agradavel, que a puzera toda no ar, fazendo-a exclamar mentalmente, entre deliciada e nervosa: — “Meu Deus, George vai chegar!”

E desde logo aquillo lhe ficara a cantar no cerebro, preocupando-a a todas as horas. Assistia

aos preparativos da recepção, enidadosa e cheia de carinho, só falando do enteado, alegremente, por toda a casa. E quando elle chegou, para o ir abraçar, pisara a tolda do vapor, toda tremula, n'uma forte emoção.

O rapaz tambem, assim que a viu, ficou impressionado pelo seu pôrte esplendido e alto, de uma elegancia rara. O seu rosto lindo, de um moreno leve e tropical, lembrava-lhe docemente a belleza epidérmica das assyrias e das trancauceasas. E toda a sua pessoa parecia estar desabroelhando, com a freseura e fragrancia de uma rosa de Italia.

E agora, n'aquella convivencia intima, só com ella, na vasta casa confortavel, arrebatado pela sna belleza, a que a toda hora antepunha muralhas, no seu profundo respeito de filho digno e leal — soffria uma tortura cruel, para poder resistir áquella impressão, que dia a dia augmentava. A principio, isso não passara de uma affeição toda respeitosa e quasi filial por Helena; mas, pouco a pouco, as caricias infaveis, os olhares quentes e apaixonados em que o envolvia, a voz mansa e melodiosa com que lhe falava, despertaram fortemente no seu

coração, até então adormecido e virginal, o fogo vivo de uma paixão indomável.

E, um dia, esquecendo toda a dignidade, todos os respeitos e deveres, ambos enlouquecidos pelo mesmo amor, forte, irresistível, formidável, lançaram-se nos braços um do outro...

VI

Helena e George não sabiam agora do caramanchão, onde iam passar as suas horas de suprema felicidade. Aquelle recanto do jardim, silencioso e retirado, que os isolava do mundo e dos eriaados, occulto entre espessas ramagens, vertendo frescura, com tres pequenas janellas rendilhadas, enquadrando trechos azues de céo e mar, tornara-se para os dois de uma attracção sem egual.

Fôra ahi que a paixão de ambos se declarara, uma manhã, após a breve e impetuosa confissão de que se amavam. William sahira para o negocio, e George, com os seus livros e revistas debaixo do braço, arrastara logo a *chaise-longue*, indo se metter entre as folhagens.

Déra 11 horas. O dia secco e limpido, de sol forte, abrazava. Não ventava quasi. O Azul

arqueava-se, no alto, muito vivo e nitido, immaculado. O jardim, sem um rumor, com a vegetação erguida e immovel no ar, as sombras cobertas de discos de ouro, como libras sterlinas espalhadas sob as ramagens, parecia adormecido na luz quente e dourada. A paizagem, em volta, verdejava, n'uma doçura campestre. E a alegria purificante das cousas alentava a alma.

Heleua, então, com um aspecto feliz, radiante e adoravel no seu leve *peignoir* de *cachemir* branco, desceu a escada da varanda, seguindo o enteado. N'um canteiro alto, deteve-se um instante a contemplar umas begonias brancas e uns cravos escarlates : colheu um que collocou sobre o peito, e que, destacando vivamente na fazenda clara, dava-lhe o ar doloroso e tragico, sangrento, de uma pomba apunhalada. Depois, foi caminhando lentamente, muito tesa, uma linha fidalga, um rhytmado mover de quadris, n'um rumor feminino adoravel, pela rrasinha arcada, que levava ao caramanchão.

Ahi, n'uma attitude calma, e derreado sobre a cadeira, á sombra da verdura cerrada, o rapaz a esperava, forte e bello como um leão, com um sangue vivo nas faces. Os seus olhos

encontraram-se, fixaram-se n'uma chamma em que lhes pairavam os sentidos e o coração. E ella, tremula e arrebatada, pelo seu masculino e incomparavel esplendor, apressou o passo, preza á grande luz de esmeralda diluida do fascinante olhar d'elle, que a chamava, com tão intensa e amorosa fixidez, que, louca e apaixonada, foi se atirar aos seus pés, de joelhos, balbuciendo baixo, com a voz rouca e entrecortada :

— Oh! George, eu te adoro! eu te amo!... Estou douda por ti!... Eu já não posso mais!...

Elle murmurou arrebatado :

— E eu, Helena!... E eu!...

E enlaçou-a fortemente com os braços, tomou-lhe a cabeça, beijando-a profundamente. Adaptou-a intimamente a si, acompanhando com o corpo as modulações das fôrmas d'ella. Ella debatia-se frouxamente, velludosamente, opiada pela volupia. Tinha estremeções de medo. Olhava vagamente, através o erivo das folhas, o jardim deserto. Estremecia ao menor rumor. Elle, porém, não descolava os labios e o corpo dos labios e do corpo d'ella, não desvigorisava o torpor que a invadia. E, dizendo-lhe palavras doces, muito estonteantes, ardentes, á

meia voz, ao ouvido, arrastou-a para um canto, onde perdida foi para ambos a noção da realidade circumstante...

Quando sóbergueram-se, parecia-lhes que o sol faiscante tinha ganho uns tons amarellados, desmaiados, doentes, um ar de desolação. Havia, apesar do calor, para elles, um arrepio no ar dormente. Reinava ainda a quietação das horas calmas, em toda a Natureza, o silencio que impõe a todas as cousas uma pausa, nas proximidades do meio-dia...

D'ahi por diante, constantemente, encontravam-se alli, debaixo da verdura protectora e amiga, como n'um leito nupcial.

VII

William, como todo o saxão, com a sua alma firme, o seu temperamento calmo, um espirito culto e superior, inacessivel aos sentimentos primitivos e selvagens, a desconfiança ou o ciume, jámais suscitara das relações intimas e clandestinas da esposa com o filho. Ninguém o surprehendia na mais leve indisposição, em um aborrecimento ou attitude sombria: a sua physionomia mostrava-se continuamente alegre, limpida, clara. Ao chegar do escriptorio, trazia sempre um ar risonho e feliz, abraçando com meiguice a mulher e falando carinhosamente a George.

E assim, os dois amantes proseguiam em uma impunibilidade, presos ao torvellinho d'aquella paixão. Mas, uma manhã, o velho Moorn, que era muito fiél e dedicado ao seu

antigo *commander*, andando a estrumar o jardim, ouvira um ruído exquisito no caramanchão. Desconfiado, presentindo “marosca”, porque desde mezes via *mistress* e *Child* passarem alli os dias, desde que o patrão sahia até á tardinha quando voltava, approximou-se cautelosamente, por entre as ramarias. E, agachado, n’um massiço de verdura alta, que ficava junto ao caramanchão, do lado do muro, descobriu os dois abraçados, a beijarem-se, n’uma grande ternura...

O pobre homem quedara-se livido e espantado, como deante de um crime, e retirou-se silencioso e afficto, pensando em correr logo á cidade, contar tudo a William. Muito perturbado, foi buscar o chapéo, e, para não ser visto, sahiu pelo portão dos fundos.

Entrou, todo tremulo, no escriptorio, e encontrando o Fison sósinho, na sua sala, narrou-lhe tudo, embrulhadamente, n’uma voz hesitante e caçada. O Fison ficara petrificado, os ouvidos zuniam-lhe, como se lhe houvessem dado uma forte pancada ; mas duvidava ainda, apezar do velho e leal marinhheiro affirmar-lhe “que vira” com os olhos rasos d’agua.

— Oh ! Moorn, você está enganado ! Você está doudo ! Não é possível ! Não é possível !...

E sentia o sangue circular-lhe nas veias com latejações brutacs. As pernas tremiam-lhe, a cabeça pesava-lhe. Deu alguns passos incertos pelo soalho, indo amparar-se á escrivaninha para não cair. Mas acalmava-se, reflectia :

— Helena... George... Não ! Não podia ser ! Era falso !...

N'essa tarde, ao voltar para *Rose-Castle*, William vinha meio abatido, o rosto engelhado.

VIII

Era já passado um mez e o Fison nada dissera em casa, observando, porém, cuidadosamente, as cousas do lar. Duvidava do que lhe narrara o criado. Mas, apesar d'isso, vivia “a espreitar”, n'uma irritação e desespero que, ás vezes, o sublevavam.

Madrasta e enteado viam-lhe agora certos movimentos bruscos, a physionomia alterada. Frequentemente, ao sahir para o negocio, voltava logo, n'uma grande inquietação, dizendo-se “incommodado”. E não sabia mais. Na mesa, ao almoço e ao jantar, quasi não falava, guardando um silencio amargo, lançando olhares desconfiados para um e outro. A' noite, rejeitava o chá, e, quando ella ia para o salão tocar, deixava-se ficar na varanda, a ler ou a fumar...

VIII

Era já passado um mez e o Fison nada dissera em casa, observando, porém, cuidadosamente, as cousas do lar. Duvidava do que lhe narrara o criado. Mas, apesar d'isso, vivia “a espreitar”, n'uma irritação e desespero que, ás vezes, o sublevavam.

Madrasta e enteado viam-lhe agora certos movimentos bruscos, a physionomia alterada. Frequentemente, ao sahir para o negocio, voltava logo, n'uma grande inquietação, dizendo-se “incommodado”. E não sahia mais. Na mesa, ao almoço e ao jantar, quasi não falava, guardando um silencio amargo, lançando olhares desconfiados para um e outro. A' noite, rejeitava o chá, e, quando ella ia para o salão tocar, deixava-se ficar na varanda, a ler ou a fumar...

Em outras occasiões, alta noite, já deitado, levantava-se, n'uma agitação, entrando a passear pelo quarto. Ahi, então, sem declinar motivos, tinha para Helena tiradas asperas e irritadas. Ella ficava nervosa, respondia-lhe mal. Altercavam. Um fundo plebeu lamentavel surgia em ambos. Diziam-se injurias, insultavam-se. Ella, n'um hysterismo, rompia a chorar. Elle ameigava logo, pedia que lhe perdoasse. Ajoelhava-se junto a ella, ehorava tambem. E voltava para o leito, arrependido, humilhado...

Os erizados, nos seus quartos, que ficavam por baixo, ao rez-do-chão, ouviam ás vezes os passos pesados de William estalando em cima, nas taboas, e exclamavam consigo, lembrando-se dos tempos em que elle enviuvára :

— Lá anda o senhor com o *spleen fatal*.

E, como o vissem de novo triste, sério, calado, começavam a commentar o *caso*. De dia, na cozinha, quando a ama e o enteado estavam no jardim, viravam-se a falar... Como o velho Moorn, andavam tambem desconfiados... E, na sua agudeza e faro, presentiam já um “escandalo”...

George é que ignorava essas brigas de alcova, porque Helena jámais se lhe queixara, e os seus apartamentos eram muito afastados, quasi no outro extremo do *Castle*. Notava, porém, que a madrastra, certos dias, amanhecia abatida, como se levasse a noite inteira em claro. Attribuia isso ao seu profundo amor por elle, que a não deixava parar, e ao aborrecimento e cansaço das horas tão longas passadas no mesmo leito, ao lado do pae, “que ella achava cada vez mais intoleravel”, sobretudo agora, com os seus “amúos senís”.

E vinha-lhe, então, um furor contra aquelle homem, que tanto outr’ora respeitara e amara, porquanto, actualmente, a affeição filial quasi se lhe sumira, supplantada pela sua immensa paixão; e hoje, muitas vezes, só via deante de si “um rival”.

Nos dias que se seguiam a essas noites *terricis*, Helena, mal William sabia, ia logo trancar-se no quarto. E até ao jantar não apparecia a George, temendo que elle, notando-lhe a alteração da physionomia, lhe inquirisse a razão. Depois, tinha tambem receio que aquillo se aggravasse, com as ternuras intensas de ambos

pela casa, em seguida á “medonha questão”, porque adivinhava que o “man-humor” de William era uma desconfiança dos seus amores com George.

E, estirada sobre a cama, posto que enlouquecida por aquella paixão, a primeira e unica paixão da sua vida, procurava medir as consequencias do *caso*, se um dia o esposo viesse a saber, a ter uma certeza inilludível... Matal-a-hia, talvez! Atirar-se-hia contra George! Estrangular-se-hiam !...

Então, n'um grande nervosismo, imaginando todos os perigos, sentia-se opprêssa, desesperada, afflicta.

O marido, porém, como “nada” verificasse, voltou a mostrar-lhe o seu semblante feliz : falava a George como d'antes, com a sua immensa alegria.

E os dois amantes mergulhavam outra vez, com sofreguidão, no seu crime...

IX

O Fison, desde que na sua vida apparecera a primeira desharmonia, o primeiro desgosto, com aquella “horriavel accusação” á mulher e ao filho, pensara logo em despedir o velho Mooru, e dar um destino a George. Escrevera, então, para os Estados-Unidos, onde tinha um bom amigo, director de grandes obras de engenharia no Mississippi, pedindo-lhe uma collocação para o filho. George era formado em hydraulica, praticaria alli, com grande proveito, essa especialidade, e voltaria depois a trabalhar no Brazil. Desejava vê-lo eucaminhado, com um nome digno, uma carreira feliz. Ia fazer um anno que deseansava em sua companhia, era preciso, pois, trabalhar, encetar a vida. O seu antigo camarada de bordo, a quem votava uma grande estima desde a infancia, seguiria para Liverpool, de onde passaria

á Dublin, sua terra natal, que ha longos annos não via. Dar-lhe-hia um bom punhado de libras, que lhe garantisse para sempre a velhice, e embarcal-o-hia n'um *steamer*...

E assim, cada um tomaria o seu rumo, ficando elle só com a esposa, no seu *Castle* tranquillo.

A resposta da carta sobre o filho chegara havia um mez, garantindo-lhe uma collocção magnifica; mas, o seu coração amantissimo, soffrendo-lhe as iras de pae "offendido", impedira-lhe communicar isso a George; a quem tanto queria.

Moorn já havia embarcado, o bom velho amigo, e parecia-lhe, de algum modo, uma injustiça não ter feito tambem seguir desde logo o filho, unico compromettido n'aquelle "ameação de infidelidade" que tentara attingil-o.

E como agora voltassem-lhe a costumada serenidade e alegria, resolvera piedosamente ir adiando aquillo, até ao anniversario de suas nupcias—uma data de incomparavel prazer para si—que estava proximo, findo o que abrirebbe com *Child*, fal-o-hia partir...

Mas Helena e George, enja desordenada

afeição crescia sempre, sentindo uma impossibilidade ingente em occultar por mais tempo a William os tumultos e os impetos do seu coração—já desde muito que andavam a construir “um plano” de abandonar para sempre o *Castle*, indo viver juntos, longe, n’um recanto afastado e feliz. Quando estavam a sós, levavam em continuas cogitações para que esse plano tivesse uma execução triumphal, buscando, por todos os meios, um momento em que uma grande oportunidade occorresse, facil e cheia de salvação.

E, uma tarde—meados de dezembro—em que William, ao entrar do escriptorio, só com Helena, alegre e affectuosamente falara em solemnizar, com uma *soirée* brilhante, o anniversario do seu casamento—ella e George tiveram uma incomparavel expansão. Encontravam, afinal, n’esse dia, a “grande occasião”, que já os enchia de jubilo, para irem livremente amar, sob outro céu distante.

Por isso, d’ahi por diante, as suas caricias com William foram dia a dia augmentando. O digno homem, ignorando todas essas cobardias, julgava-se absolutamente ditoso, entre a hypocrita solitudine de ambos.

X

Era o ultimo de dezembro. William Fison não parava, n'uma enorme azafama, dando ordens, mandando preparar tudo para o grande baile que ia realizar-se no outro dia.

Os criados, n'um continuo movimento, cruzavam-se de um para o outro lado. Lavava-se, escovava-se, polia-se, em constante arrumação. Havia em toda a casa um reboliço de objectos e móveis, pelos corredores, os quartos, a varanda, o salão...

Em toda esta lida de *menage*, que se esmalta para uma recepção, Helena desenvolvia tambem uma actividade, entregando-se aos mais delicados arranjos. Só, na sala que ia servir de *toilette*, punha artisticamente flôres e enfeites nos *dunkerques* e vasos. Andava agora um pouco pallida, as olheiras roxas, os olhos pisados.

Estava mais magra, mais alta, vagamente abatida a formosíssima cabeça esculptural, de onde os cabellos pendiam, soltos, grossos, ondulantes, torrencias. O pescoço, um pouco inclinado pela applicação, estava occulto, como as largas espáduas, por aquella massa densa e reluzente de seda esfiada, mas o *peignoir* aberto deixava entrever a pelle doce e quente dos seios capitosos e tumidos, que as rendas e os fólhos sombreavam. Parecia intimamente preocupada, porque, de vez em quando, erguia olhares melancolicos para um recanto do tecto, ou para as vidraças em frente, abrindo luminosamente para um bambual, todo verde, por detrás do qual reluzia o céo puro, quando as hastes altas bamboleavam ao vento. A's vezes parava, suspendia o trabalho, soltava um grande suspiro, e murmurava baixo: — “Santo Deus! como George tarda!”

O enteado sahira pela manhã e ainda não voltara. Andava cuidando de encaimhar o terrível “plano”, em que ambos tinham tanto trabalhado, porquanto a “noite esperada” approximava-se. Percorrera as agencias das companhias de navigação, a informar-se dos vapores que estavam a passar. Fôra á *Norte-Sul*, fôra á

Nacional. Queria saber se teria algum, a primeiro. Não havia nenhum.

Mal succedido, logo ao primeiro passo, ficou desanimado, e, lançando-se através as ruas da pequena cidade, proeurava em balde uma casinha, um esconderijo, um lugar, para onde pudesse ir com Helena, sem que ninguém suspeitasse. Desesperado e afflicto, vagando ao acaso, sem idéas, suggestões ou resoluções faceis, n'uma medonha esterilidade mental, descia uma rua, á beira-mar, quando esbarrou de repente com um rapaz inglez, grosso e alto, a pelle queimada, uma bella barba de ouro ondeada.

Estacaram ao mesmo tempo, entreolhando-se, muito admirados; e, reconhecendo-se, lançaram-se ruidosamente nos braços um do outro, exclamando :

— George!

— Charles!

E após algumas perguntas, foram caminhando devagar, n'uma palração animada. Falavam de Inglaterra, dos bons tempos do *Cresham College*, onde ambos andaram. Referiram-se alegremente, e com saudade, ás prodigiosas correrias, que então faziam, em Londres,

pelos arrabaldes. Depois falaram dos seus destinos... Havia mais de seis annos que não se encontravam, desde que George se matriculara em engenharia. Charles perguntou-lhe o que fizera, quando se formara, como viera para o Brazil. O outro narrou-lhe tudo, em poucas palavras... E Charles? Elle vadiara algum tempo em Birmingham, para onde fôrn. ao deixar o *Cresham College*. O pae, que era commerciante, logo depois quebrara. A familia ficara na miseria. Tudo se arruinara... Então, abandonou os estudos, abraçando em seguida, por phantasia e tendencia, a vida do mar. Relara dous annos, aos trambulhões, até tirar a carta. Piloto, andara muito entre Southampton e o Cabo. Mas passara a commandar. E alli estava, n'uma barca, onde fazia a sua primeira viagem de *master*. N'aquelle instante mesmo, vinha do consulado, de despachar, porque estava prompto a levantar ferro. Ia para S. Thomaz... Tencionava largar no outro dia, sem falta.

A estas palavras finais, George, a quem a conversa pouco a pouco serenara, teve uma enorme alegria, vendo surgir de subito a sua felicidade, n'aquelle encontro casual. Resolvera,

então, contar tudo ao Charles, e como n'essa ocasião fossem entrando a Praça do Mercado, ambos, ao mesmo tempo, tiveram uma lembrança — irem beber á *Cervejaria Krapp*.

Ahi, n'um recanto afastado da sala, George abriu-se todo áquelle velho camarada, pondo-o ao facto da sua grande paixão pela madраста, das difficuldades terriveis em que estava, e do seu plano de se ausentar com ella, quanto antes, d'aquella cidade, onde já se murmurava...

Charles escutava-o, assombrado, achando aquillo *terrible e extraordinary*, mas interessava-se por elle como por um irmão.

E, após longas horas de intima confissão de toda a sua alma, George pediu-lhe “que o salvasse, o arrancasse áquella situação desgraçada.”

O outro, calado, em profunda reflexão, parecia hesitar, medindo britannicamente os prejuizos e as responsabilidades que ia acarretar. Mas afinal accedeu, e entraram a combinar o embarque.

Charles adiaría a viagem por um dia mais. Na noite do baile, enviaria, do ancoradouro de

Santa Cruz, onde estava fundeado, um escaler da barca, prompto e bem tripolado, que esperaria George, em um recanto escuso da praia, nas proximidades do *Castle*. Seria nas pedras do Soreiro, umas rochas que corriam paralelas á costa, junto ao Estreito, um logar deserto e abrigado. Um dos marinheiros, ao chegar o bote ao local indicado, accenderia um pequeno pharol encarnado, que annunciaria a George a presença da embarcação. Esta, apenas embarcasssem, far-se-hia ao largo, a toda força de remos, em direcção ao navio, que arrancaria n'aquella madrugada...

Viraram mais um *chopp*. Depois ergueram-se, separando-se, com um forte *shake-hand*, até á noite aprazada.

XI

N'essa tarde, George, depois do desespero em que andara toda a manhã, voltava radiante e alegre para *Rose-Castle*.

William tinha descido até ao escriptorio, afim de determinar certas coisas na cidade, para que nada faltasse, no dia seguinte, ao baile.

Helena estava no seu quarto, ainda a arrumar, quando viu atravessar para a varanda o enteado, que vinha muito risonho, a girar vivamente a bengala nos dedos e a cantarolar. Sorriu, subitamente satisfeita, e correu ao seu encontro, toda alvoroçada.

A casa, terminada a arrumação, reentrara no seu continuo silencio alto e aristocratico. Os criados estavam uns lá para a cozinha, enquanto outros andavam fóra, em mandaletes.

Na grande sala de jantar—os *stores* arriados, contra o sol que escaaldava, do lado do mar—fresca e humida da lavagem geral, havia uma doce claridade azulada, que vinha da refração das paredes. As *etagères* e os altos armarios, com largos entalhes artisticos, todos envernizados, exhibiam as lavradas pratas, as finas porcelanas e os trabalhados *crystaes*, n'uma rutilação pomposa, de interior opulento, onde se experimenta o conforto magnifico de uma vida limpida e farta. O relógio, um antigo relógio inglez, em caixa esguia de ébano, erguendo-se a um canto, com um bello mostrador branco entre relevos dourados, cortava o silencio com o seu *tic-tac* monótono, de mecanismo em trabalho. A' mesa elastica, estendendo-se ricamente, ao meio da vasta sala, de um ao outro extremo, toda rodeada de cadeiras negras torneadas, e coberta por um grande panno cinzento, a listras vermelhas — tres lindos vasos verdes, transparentes e cheios de desenhos originaes, ostentavam, decorativamente, palmas e ramos floridos e frescos. Um perfume delicioso e subtil errava.

Ahi, Helena e George encontraram-se, enlaçaram-se, e seus labios sequiosos collaram-se

logo, n'um beijo longo, profundo, insaciavel.

Mas o rapaz, louco por dizer-lhe tudo, a foi arrastando suavemente para o seu quarto, onde, fechados por dentro, depois que William entrou a "desconfiar", faziam os seus *rendez-vous* amorosos.

Narrou-lhe,então, minuciosamente, primeiro, a sua batida através da cidade, a sua desesperança e tristeza quando soube que não passava o paquete ; depois, a enorme animação e prazer que lhe viera de repente, ao esbarrar-se, n'uma rua, com um antigo camarada inglez, com quem vinha de estar, e que lhe proporcionava tudo, providencialmente, á feição dos seus desejos.

E expunha-lhe entusiasticamente como realisar-se-hia agora o *plano*, com o apparecimento d'aquelle amigo, commandante de um navio, que estava a sahir, e que os ia levar para sempre. Tinha arranjado todos os meios, o embarque seria facillimo. Na noite seguinte viria um escaler de bordo para recebê-los. Não haveria o menor perigo. Elle e ella, como já estava assentado, no baile, tomariam parte nas dansas com a maior alegria... Não

teriam nenhuma sorte de preocupações, para não se deunnciarem... Ririam, folgariam expansivamente... Receberiam os convidados, como d'antes, affectuosamente, e com todos os sorrisos... Mostrar-se-hiam amaveis, dedicados, felizes... Cercariam William de todos os carinhos, afim de que elle nada presentisse... E, calmamente, sem agitação ou nervosismo, á meia-noite, ou pela madrugada, quando todos começassem a sahir, no borborinho enorme das despedidas, aproveitariam e escapar-se-hiam, no meio da confusão geral, pelos fundos do jardim. Tomariam, então, pela praia, para o lado das pedras, onde encontrariam a embareação, prompta a partir... E quando William e os amigos, os mais intimos, os procurassem, e não os achassem, suspeitando uma fuga, elles já estariam distantes, além, sentados á pôpa do bote, rolando para outro destino. E, deliciosamente unidos, na emoção extraordinaria d'aquella aventura, afastando-se ao largo, sobre as ondas balouçantes, veriam esmorecer, longe, no escuro da costa, as luzes de *Rose-Castle*, já tremulas e tristes...

XII

Helena, posto que cheia de immensa alegria com o que lhe dissera George, porquanto só assim poderiam — elle e ella — gozar longamente e sem cuidados aquella paixão incendida, que, a permanccer por mais tempo sob aquelles tectos, viria talvez a perdê-os um dia — ficara, entretanto, abalada e nervosa. Desde que assentara definitivamente em partir, deixar para sempre William e aquella casa, que, ás vezes, uma immensa nostalgia se apoderava de sua alma, a enlanguescia, a entristecia.

Deixara o quarto do enteado e viera para a sala esperar o marido, cuja demora, n'esse momento, a impacientava e a assustava, a ella, sempre d'antes tão fria ! Agora, que estava a deixal-o para sempre, e que o via tão abandonado e trahido, indifferente e descuidado ao

que tramavam em volta de si, tranquillo e alegre, porque tudo ignorava, o excellente, o generoso, o bondosissimo William, sobre quem estava para cahir a maior de todas as desgraças, á qual talvez não pudesse sobreviver, resistir ;— agora, sentia por elle como uma piedade e ternura infinita.

Então, abalada e n um grande hysterismo, oppressa, tonta, afflicta, entrou a pensar na partida... Que desgraça ! Sahir, fugir ! Abandonar aquella cidade, onde tinha nascido, a sua casa, a familia, as amigas, tudo, para ir correr outras terras e outros mares, entre povos estranhos, falando talvez outra lingua ! Que horror ! O que era a paixão, o que lhe ia custar ! George era o seu amor, a sua felicidade, a sua vida. Mas que infortunio ter de abandonar o marido, o seu verdadeiro marido, para acompanhar a outro, um amante, e seu enteado !... O que seria de William, que allí ficava, na afflicção, quando soubesse, experimentasse a certeza cruel, que já um dia presentira, de que ella desde muito o enganava com o filho?... Enlouqueceria, matar-se-hia, o pobre William !...

E, com o espirito em tumulto, cheio de

lembranças sinistras, onde as idéas giravam, n'um torvelinho, confusas, dispersas, como folhas seccas que um vento rijo levanta, toda tremula, sem se poder suster, atirou-se para cima do largo divan, a soluçar baixo, n'um pranto infindo... Mas, dentro em pouco, foi-lhe descendo por todo o corpo como um adormecimento subtil, que lhe tronxe ás idéas uma somnolencia pacifica.

A luz fria e esmorecida da tarde, cahindo lá fóra, no céu de um azul diluido, enchia a sala de um crepusculo triste. Uma sombra invasora estabelecia-se, envolvendo pelos cantos os objectos e moveis n'uma cinza fina. Metaes e porcelanas procuravam reter a claridade escoante em scintillações frigidias. Por todo o vasto compartimento riquissimo, um fundo escuro erguia-se, como n'uma tinta esbatida de esfuminhos, onde se destacava, em manchas vagas, aqui e alli, a brancura das capas da mobilia e as rendilhadas e custosas cortinas. As janellas abriam ainda altos quadrados de claridade livida, como se fosse um effeito da propria transparencia dos vidros, através os quaes via-se já tremere, no céu, as primeiras pontilhações de ouro vividias...

Helena continuava desfallecida sobre o divan. De repente, um ruído de rodas na calçada sobresaltou-a. Ergueu-se logo vivamente, esfregou as palpebras, surprehendida pela escuridão. Gritou para dentro que viessem acender as lampadas. E, dando tóques rapidos ao cabello e á roupa, correu para a porta, que abriu de uma volta, n'uma emoção.

William esperava-a já, de pé e risonho, no alto da esçada. E, abraçando-a, exclamou todo radiante: "Oh! my dear..."

Enlaçados ambos, e fallando alegremente, atravessaram o salão. N'esse instante, um eriado, apressado, dava luz ás lampadas. Na varanda, toda illuminada, tilintavam sonoramente os talheres e a louça, annunciando o jantar.

George, quando a madраста o deixara, ficou sentado sobre a cama longo tempo, scismando... Como ella, experimentara, se bem que vagamente, as mesmas idéas tristes e desalentantes. Mas fôra apenas um instante, porque era homem, era forte, tinha a pujança de um leão. Depois, cansado das caminhadas do dia, e de se ter

erguido muito cedo pela manhã, encostara-se aos travesseiros e adormecera profundamente. E, despertado agora, subitamente, pela voz grossa do pai no corredor, saltara da cama, assombrado com a noite que lhe parecia haver descido, magicamente, como em um encanto.

XIII

Amanhecera limpido e alegre o primeiro do anno.

William não descera, muito repousado, muito sereno, n'aquelle dia feliz. Havia tres annos que casara, e nem um só dia se passara em que elle não abençoasse o destino. Posto que tivesse andado uns tempos “aborrecido e afflicto” com aquella maldita *intriga*, que surgira, inopinadamente, ha mezes, na sua vida, sempre tão correcta e tão nitida, sentia-se comtudo, como dizia, “quasi absolutamente ditoso”. Idolatrava a esposa e conhecia tambem que era *querido*. George, o filho estremecido, estava em sua companhia, prompto a seguir uma carreira, com uma profissão adquirida: brevemente partiria, a conquistar fóra uma boa posição e um nome digno. Tinha uma fortuna. O rapaz e as irmãs,

se elle morresse, já não soffreriam. E como possuía um nome illustre, obra exclusiva da sua vontade e dos seus esforços, queria tambem um brilho identico para o dos filhos. Por isso mandara estudar George e educar superiormente as filhas. Aquelle anno correrá-lhe propicio, como poucos. Os negocios lhe tinham dado resultados consideraveis. George concluíra o curso. Um eunhado em Inglaterra fôra elevado a ministro. Gozava saúde. Casara uma filha.

— Effectivamente, pensava, podia sorrir-se, expandir-se amplamente, porque não tinha a invejar alegrias!

Helena e George andavam tambem contentissimos, na sua immensa paixão, antegossando já a “aventura” que os iria unir, de uma vez e para sempre, n’essa noite tão anciosamente esperada.

O almoço e o jantar, n’esse dia, tiveram a seintillação e o encanto dos banquetes em *menage*, intimos, cordiaes e tranquilllos. Estiveram presentes, em pleno jubilo e em plena amizade, todos os numerosos amigos de *Rose-Castle*. Logo pela manhã, chegaram o Fernando Braga e toda a familia, que vinham passar o dia.

Depois viera o Crowley e as lindas filhas ; as Mo-
 elmanns, sempre gorgeantes e vivas ; as Sabino,
 umas raparigas magrinhas, muito camaradas de
 Helena, que cantavam e eram pianistas eximias ;
 as Veigas, as Barbosas, as Lino... De sorte que
 pela casa inteira espalhavam-se sonoridades
 crystalinas, que alegravam, na orquestração in-
 comparavel das moças reunidas sob tectos
 festivos.

Á noite, *Rose-Castle* tornara-se féérica com
 a sua profusa, magnifica illuminação, jorrando
 para a rua, em grandes faixas luminosas, pelas
 cinco janellas gothicas e o largo portão do
 jardim. D'ahi para os fundos, nas aleas de
 saibro alvadio, ardiam esplendidos balões ve-
 nezianos, presos em linha ás ramagens balou-
 çantes, cujo verde destaeava, nos logares mais
 banhados de luz, com um tom artificial e vivis-
 simo de scenographia. No frontão principal, os
 dois esgrios torreões caiados, ficavam no Azul as
 flexas finas erguidas, que suspendiam, cada uma,
 um globo rubro de vidro, flammejando, n'um
 tamanho de lua, como dois astros grandes entre
 as estrellas vivissimas.

Desde o anoitecer que todo o bairro da

Praia de Fóra, a vasta rua de S. Sebastião e adjacências, n'um alvoroço, começaram a vasar para alli a sua exígua e curiosa população. De todos os pontos da cidade, ainda os mais longínquos, affluíam familias, picadas pelo conhecido prurido provinciano de “espiar bailes”. E ás 8 horas da noite, em frente ao *Castle*, tornara-se quasi impossivel o transito, pela densidade immensa da multidão agglomerada. Até ás 10 horas, as carruagens, trazendo os convidados, não cessaram de estacar ao portão.

Dentro, no immenso salão regorgitante, William e Helena, muito alegres, faziam as honras da recepção, agradecendo os cumprimentos que lhes dirigiam e trocando infinitos *shake-hands*. D’ahi por deante, começaram a despenhar-se as dansas, a principio lentas e ceremoniosas, depois precipitadas e febricitantes.

William dansara apenas as duas primeiras quadrilhas, sendo uma com a esposa e outra com uma senhora de cabellos alvejantes, formosissima, a mulher do Crowley, uma amiga de infancia, muito elegante no seu póрте alto e fino de escosseza da *clan*, e cujos olhos azues

fascinantes conservavam ainda o brilho e a ternura ingenua dos dezeseis annos.

George tivera como pares, nas primeiras marcas, uma das Sabino e a Sophia Moelmann, que estava adoravel, com os seus crespos cabellos côr de ouro e os seus olhos garços e transparentes de virgem rhenana.

Helena, radiosissima, no seu rico vestido crême de crepe da China, estava como nunca, n'um raro esplendor de belleza olympica, a voltejar no salão, pelo braço de James Crowley, um gentleman, e o amigo mais querido de William. Todos os olhares viris dos cavalheiros seguiam-n'a arrebatadamente, com intenções requestantes, enaltecendo-a e apotheosando-a. No entanto, ella, magna e cheia de altivez, não se dignava lançar-lhes, um momento só, a mais pequena attenção. Proseguia sempre, dominadora e triumphante, indifferente a todos, só fixando a George, continuamente, com uma grande adoração. E, ás vezes, quando elle, admiravel na sua formosura mascula, com o seu perfil apollonico, demorava-se acaso a gracejar ruidosamente com alguma dama — ella estremeçia de repente, e de seus

olhos negros saliam chammus zelosas de leôa amante.

Da tereira quadrilha em diante, George e Helena não se despegaram mais, em marcas successivas, gyrando n'um turbilhão. E quando a orchestra executou *As Nymphas*, uma linda valsa allemã, que era a predilecção e o encanto de ambos, não houve roda de rapazes e moças em que não se falasse, n'uma inveja formidanda, "d'aquelles modos escandalosos", da madrasta e enteado, presos agora, a noite inteira, nas dansas.

Ninguem, porém, se cançava de olhal-os, acompanhál-os admirativamente em todas aquellas volteações rhytmieas, em que os seus corpos passavam, por entre os outros, em um destaque fulgurante : ella, morena, soberbamente bella, com o seu corpo estatual de atheniense dos tempos aureos da Grecia ; elle, louro, lindo, gigantesco, lembrando um titan seandinavo, na mythologia brumosa dos Eddas.

Mas, posto que frequente nas dansas, George não perdia um instante só a direcção do seu *plano*, que elle via já quasi totalmente triumphante. De vez em quando, dava uma chegada ao

gabinete onde William entretinha-se agora, profundamente, em seguidas partidas de *whist*, com o Crowley, o Fernando Braga e o Lino. Fôra já duas vezes, sem que ninguém o visse, verificar se com effeito, lá para os lados das pedras do Soeiro, já estaria o “signal” Não o vira ainda. E uma certa preocupação começava a assaltal-o... Mas tinha confiança em Charles. Esperava...

E, como fosse quasi meia-noite, mal terminara a valsa, sahira a espreitar. O céu estava um pouco escuro, embora estrellado. A praia tinha uma brancura amortecida e vaga, destacando junto á negrura do mar. Poz-se a olhar de novo, a investigar, quando de repente deparou com uma luzinha encarnada, pondo um cordão fino e longo de rubins n’agna. Murmurou então, respirando alto, n’um allivio de quem sacode uma forte oppressão :

—Ah ! lá está !... Lá está !...

E entrou, muito alegre, pela varanda do lado. No corredor, esbarrou-se com Helena, que vinha da sala. Tomou-lhe o braço e, lançando-lhe um olhar significativo, entraram no quarto. Ahi George disse-lhe que era preciso aproveitar a occasião, porque a embarcação já os esperava...

Ella teve uma grande palpação, ficou de repente pallida, tremula, toda fria, não podia respirar. Agarrou-se ao enteado, murmurando baixo :

—Mas como, George?... Não nos ver, vão nos agarrar... Que horror !... Podiam ter suspeitado...

Elle replicou-lhe, convictamente, muito calmo :

—Não ! Ninguém sabia... O pai estava lá para o gabinete, entretido a jogar... Os outros ignoravam tudo... Não havia trepidar... Logo que alguém começasse a retirar, aproveitariam e... *good night* !...

— Pois sim, George ! pois sim ! fez ella, subitamente enrijada.

E, com effeito, d'ahi a instantes, quando começaram a sahir os primeiros convidados, justamente ao estalar entusiastico da quinta quadrilha, n'um borborinho enorme, Helena e George, que tinham ido acompanhar os Cabraes até ao portão, escaparam-se subitamente, por entre as arvores do jardim, para os lados do mar... Ninguém notára isso, nem mesmo os criados. E, na praia, tomando ambos para a

banda das pedras, rente ao muro do *Castle*, que avançava até grande distancia, foram-se afastando de vagar, sem ruido, n'um profundo silencio, que só o leve bater das ondas na arcia perturbava...

Mas a quadrilha terminara. No salão algumas familias erguiam-se, falando em retirar. No gabinete, o Fison e os companheiros ainda jogavam, quando a esposa do Braga entrou subitamente, toda livida, os beiços brancos, a perguntar:

— Onde estava Helena? Onde estava?...

Os tres homens ergueram-se logo, sobresaltados. William correu para ella, louco, n'uma precipitação, os olhos a faiscarem:

— O que fôra?... O que fôra?...

Ella, offegante, em palavras pausadas e tremulas, entrecortadas, disse-lhe:

— Que tinha dado por falta da filha na sala. A principio, julgara que estivesse occupada, a dar algumas ordens lá dentro, ou que se achasse no quarto. Mas depois, como ella demorasse, e não visse George para lhe perguntar, erguera-se, muito impressionada e cheia de

envidados, suppondo alguma dôr... Foi até ao quarto. Não a encontrou. Foi á sala de jantar, ao *toilette*, ás outras salas... E nada. Nem George !... O que aconteceria, Nossa Senhora ! Aquillo era uma desgraça...

O Fison ficou por instantes a olhá-la, espasmado, hirto, branco como a cal ; depois, erguen os braços ao ar, e, n'um desespero, como um alluciuado, atirou-se para o corredor a gritar :

— Trahido, Santo Deus !... Deshonrado !...

O Crowley, o Fernando Braga e o Lino, de repente abalados, n'uma grande perturbação, não sabiam o que fazer. Todos, em volta, tinham um ar aterrado.

Um enorme reboliço, chôros, exclamações, gritos de ataques, abalaram então sinistramente a casa. E a voz triste, dolorosa e pungente do Fison, ecoando pelas salas, era como uma nota plangentissima e dantesca no fim de uma perdida batalha :

— Trahido, Santo Deus !... Deshonrado !...

E logo após, os convidados entraram a retirar-se, silenciosamente, dispersos, n'uma debandada de desastre...

N'essa mesma noite, William Fison, só, no seu quarto, agitado e perdido, n'uma desesperação suprema, n'uma dôr formidavel, rebentava a cabeça com uma bala. E no outro dia, *Rose-Castle* se fechava para sempre n'uma paz funeraria...

FIM

DO MESMO AUCTOR

No prélo :

Mares e Campos — contos.

Em viagem — romance.

Os Argonautas — novella.

A seguir -se :

Escriptos — chronicas e artigos litterarios.

Ondina — versão do francez.

Altos Relevos — contos.

Pequenos Contos.

Dr. Gama Rosa — perfil biographico.

A Ingleza — romance.

Publicados na provincia :

Traços Azues — versos.

Trópos e Phantasias — prosa.

COMPANHIA IMPRESSORA

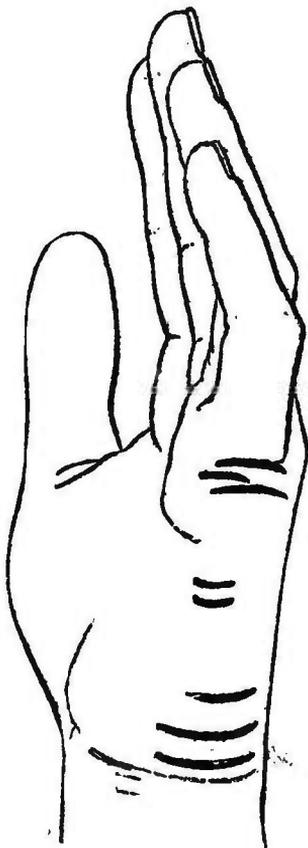
7 Rua Nova do Ouvidor 9

A BUENA DICHA

OU

ARTE DE LER O FUTURO NAS LINHAS DAS
MÃOS

*Esta importante obra, a primeira publicada
em portuguez, ensina a legendaria adivinhação dos ciganos
que permite ler o futuro pelas linhas das mãos;*



*está assim ao alcance de todos, quer
pela clareza do texto, bem escripto e bem traduzido, quer pelo
grande numero de gravuras.*

POR

PAPUS E BORJA REIS

1 vol. carton. e illustr. com 23 grav. 32, pelo cõrreo 3\$500

- Mares e Campos**, por Virgilio Varzea, 1 vol. broc. 3\$000 enc. 4\$000.
- Em viagem**, por Virgilio Varzea, 1 vol. broc. 3\$000 enc. 4\$000.
- Os Argonautas**, por Virgilio Varzea, 1 vol. broc. 2\$000 enc. 3\$000.
- Compendio de Historia Natural**, por Xavier de Brito, 1 vol. 6\$000.
- Blócos**, por Isaias de Oliveira. 1 vol. broc. 3\$000 enc. 4\$.
- Memorias de Martha**, por Julia Lopes d'Almeida, 1 vol. broc. 3\$000 enc. 4\$000.
- O Purgatorio e o Paraiso**, por Dante, versão brasileira e notas de José Pedro Xavier Pinheiro, 2 vol. com capa illustrada, broc. 12\$000 enc. 15\$000.
- Correspondencia Commercial**, por Viridiano de Carvalho, 1 vol. broc. 5\$000 enc. 6\$000.
- O Photographo Amador**, por C. de Albuquerque, 1 vol. ill. 5\$000 enc. 6\$000.
- A Ondina**, por Macl, versão de Virgilio Varzea, 1 vol. broc. 3\$000, enc. 4\$000.
- Amores de um Padre**, por Gagneur, versão de Sebastião P. Leite, 1 vol. 3\$000, enc. 4\$000.
- As primas da Coronela**, versão de Pedro Aretino, 2 vol. broc. 6\$000, enc. 8\$000.
- O Dinheiro**, por Emilio Zola versão de C. de Albuquerque, 2 vol. 5\$000, enc. 7\$000.
- A Casa de Pensão**, por A. Azevedo, edição completamente refundida e um prefacio novo. 2 vol. 6\$000 enc. 8\$000.
- Memorias de um Condemnado**, por A. Azevedo, edição refundida e novo prefacio. 2 vol. 6\$000, enc. 8\$000.
- A sogra**, novo romance de A. Azevedo.
- Ornithologia Brasileira**, por Xavier de Brito, 1 vol. ill. 6\$000 enc. 8\$000.
- Mamalogia**, 1 vol. ill. 6\$000, enc. 8 000.
- Guia do Jardim Zoologico**, por Xavier de Brito, 1 vol. cart. e ill. 3\$000.
- A Mulher**, por Foscolo, 2ª edição refundida, 1 vol. broc. 3\$000, enc. 4\$000.
- Os quatro Evangelhos**, por J. B. Roustaing. (O Evangelho explicado em espirito e verdade.) versão de Candido Costa, 3 vol. broc. 12\$000, enc. 15\$000.
- As mulheres de bronze**, por X. Montepin traducção de H. Chaves redactor da *Gazeta de Noticias*, 5 vol. broc. 12\$000 enc. 15\$000.
- A Felticeira Vermelha**, de X. Montepin, traducção de Henrique Chaves, redactor da *Gazeta de Noticias* 5 vol. broc. 12\$000 enc. 15\$000.

- Vultos e Factos**, por Affonso Celso, 5º e 6. milheiro, 1 vol. 3\$000, enc. 5\$000.
- Minha Filha**, por Affonso Celso. 5º e 6º milheiro, 1 vol. 3\$000 enc. 5\$000.
- O Imperador no Exilio**, por Affonso Celso, 1 vol. adornado com uma bellissima phototypia broc. 3\$000.
- Buena Dicha**, ou arte de ler o futuro nas linhas das mãos, por Papus e Borja Reis, 1 vol. cart. 3\$000, pelo correio 3\$500.
- China e Chins**, por H. C. Ribeiro Lisboa. Importante trabalho sobre a immigração chinesa, 1 vol. illustrado com 44 gravuras e 1 mappa 3.000, enc. 5\$000, pelo correio mais \$800.
- Questão das Missões**, perante o tribunal arbitral, por H. C. E. Lisboa, 1 vol. 1,5 0, pelo correio mais \$500.
- Grito de Guerra**, por E. de Borja Reis 1 vol. 1\$000.
- O Joven Telemaco**, zarzuela em 3 actos por E. Garrido, edição de luxo feita em Lião, 1 vol. br. 2\$000.
- O Barberinho de Sevilha**, opereta em 3 actos por Eduardo Garrido, edição de luxo, 1 vol. br. 2\$000.
- Sinos de Corneville**, opera comica em 3 actos por E. Garrido, 1 vol. broc. (esgotado.)
- Boccacio**, opera comica em 3 actos por E. Garrido, 1 vol. 1\$500.
- Missal**, por Cruz e Souza, 1 nitido vol. 3\$, enc. 4\$000.
- Broquéis**, por Cruz e Souza, 1 vol. 3.000, enc. 4\$000.
- A Hedionda**, por X. Montépin, versão de Ferreira da Rosa, redactor d'*O Paiz* 3 vol. broc. 9\$000.
- Imagens e Visões**, por Luiz Rosa, 1 vol. 3 000.
- Rose Castle**, por Virgilio Varzea, 1 vol. 2\$000.
- Dr. Pascal**, ultimo romance de Zola, versão de C. de Albuquerque, 2 vol. 5\$000, enc. 7\$000.
- A Normalista**, por Adolpho Caminha, 1 vol. 3\$000, enc. 5\$000.
- O Encilhamento**, por Heitor Malheiros 2 vol. 6\$000, enc. 8\$000.
- Celeste**, por Delia, 1 vol. 3\$000, enc. 4\$000.
- Cigarras**, por B. Lopes, 1 vol 3\$000.
- A Dona de Casa**, por Silvino Junior, 1 vol. broc. 3\$000 enc. 4\$000.
- Nevoas**, por Arthur Miranda, 1 vol. broc. 3\$000 enc. 4\$000.
- Manual do Cartomante**, por Magus e C. Albuquerque, 1 vol ill. com 130 gr. broc. 5\$000 enc. 6\$000.
- Philosophia do Direito**, por Affonso Celso, 1 vol. broc. 5\$000 enc. 6\$000.
- Lupe**, por Affonso Celso, 1 vol. broc. 3\$000 enc. 4\$000.
- Do hypnotismo, magnetismo e phenomenos analogos**, por Medeiros e Albuquerque, 1 vol. broc. 3\$000 enc. 4\$000.

OBRAS DO DR. AFFONSO CELSO

Vultos e Factos

Este—*enca tador*—livro como muito bem o denominouo Exmo. Snr. Ednardo Salamonde illustre redactor do *O Paiz*, é uma galeria proeminente de traços biographicos dos principaes vultos de Europa e estadistas Americanos. O maior elogio que se lhe pode fazer está constatado na grande citação que teve por parte do publico conseguindo em curto espaço de tempo alcançar seis edições de 1,000 exp. o que é realmente o maior successo de Livraria no Brazil 1 vol. broc. 3g000, enc. 5g000.

MINHA FILHA

O perfumado livro—*Minha Filha*—que acaba de sahir da feiticeira penna do Dr. Affonso Celso, é mais que uma gemma litteraria de ultimo valor, porque é a historia commovente, fiel e verdadeira dos barbaros e iniquos soffrimentos physicos de uma creaturinha meiga, formosa e adoravel, e a discriçãõ autentica, sentida e dilacerante das mais tristes maguas de um pae amantissimo e infeliz.

Capital, de 6 do 5 de 93.

E' por ser escripto com lagrimas que seu livro ha de viver.

Paiz, de 5 do 5 de 93.

O successo que este mimoso e interessante livro tem despertado entre o nosso publico pouco propenso a lêr é o seu maior elogio; em 30 dias esgotou-se no Rio de Janeiro uma edição de 3.000 exemplares, estando já no prelo a 2ª edição que tambem é de 3.000 exemplares 1 vol. broc. 3,000, enc. 5g000.

O imperador no Exilio

Importante livro de saudosas recordações do Snr. D. Pedro II, illustrado com uma linda phototypia do mesmo Snr. 1 vol. 3.000.

MAGALHÃES & C^a. — Editores

LIVRARIA MODERNA

3 e 5 Rua da Quitanda 3 e 5





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).